

Brasil almeja o selo de qualidade

País busca conquistar o grau de investimento para atrair mais capital internacional

CPDoc/JB

Ludmilla Totinick

Não raro, um economista ou autoridade brasileira solta a expressão *investment grade* num discurso. Com os debates sobre possível recessão americana, o termo se tornou mais freqüente, mas ainda não deixou de ser um sonho. Trata-se de uma espécie de selo de qualidade dado por agências mundiais especializadas em apurar a capacidade que o país tem de pagar as próprias dívidas. Cada nação recebe uma nota. Em 2007, o Brasil subiu para BB+. É pouco.

O país está na mesma faixa de países emissores de dívidas com pouco risco de inadimplência. Mas não seguros o suficiente para atrair investimentos externos.

— Grau de investimento é o melhor nível de classificação de risco de dívida que um país pode receber — explica Cristiano Souza, economista do Banco Real. — Quando atingido, deverá impulsionar ainda mais o fluxo de capitais em direção aos mercados financeiros do país. Ou seja, é um excelente local para se investir.

Se o Brasil conquistar o *investment grade*, empresas estrangeiras terão mais segurança para comprar títulos do Tesouro Nacional. Não há, entretanto, estimativa de quanto dinheiro entraria no país.

As agências de *ratings* ou grau de risco, analisam dívida de empresas, bancos, seguradoras e países. Vários fatores são apurados para que se possa indicar o investimento no título da dívida de determinado país.

— Verificamos a probabilidade de pagamento do país no prazo esperado — ressalta Rafael Guedes, diretor-executivo da agência de classificação de risco Fitch no Brasil. — Observar países requer cuidados especiais, pois cada um tem aspectos bem diferentes.

Mudanças

Paulo Rabello de Castro, doutor em economia pela Universidade de Chicago e diretor-presidente da SR Rating, admite que o Brasil passou a ter noção de

rating com a estabilização da economia, nos anos 90.

— A mudança do regime cambial, o conceito de superávit primário, as metas de inflação, a flutuação do dólar, a inversão do setor previdenciário e a Lei de Responsabilidade Fiscal foram fundamentais para a estabilidade da economia brasileira — destaca.

O economista diverge de muitos colegas ao não considerar o grau de investimento uma prioridade. O Brasil precisa passar por grandes revoluções antes disso, argumenta. E vai demorar muito para conseguir o carimbo.

— Estamos frustrados. Há 14 anos, de 1994 a 2008, o país caminha para conquistar o grau de investimento e não alcança. Ele ameaça entrar, mas não consegue passar pela porta. Não acho que o Brasil conquistará a classificação tão cedo — diz economista ao ressaltar que o governo Lula quer o selo mais por questão política que propriamente econômica.

O caminho é longo. O governo omite, ataca Rabello, que o país precisa atravessar 11 posições antes de alcançar o nível AAA, onde estão nações como EUA, Inglaterra, Alemanha, Suíça.

Entraves

Os juros dos países que obtêm o grau de investimento costumam cair para o patamar de 4%. Mas, na opinião do economista do Banco Real, as taxas brasileiras não deverão mudar muito. Segundo Cristiano Souza, os juros reais, hoje em 7,5%, não deverão ceder por causa da queda que sofrida desde 2004.

Alguns analistas consideram o cenário brasileiro favorável e acreditam que o país está bem perto de conquistar o sonho. Cristiano Souza, aposta que isso ocorrerá até o segundo semestre deste ano.

— Fizemos o estudo *Índice de investimento*, em junho. Veri-



RISCO — O governo tem de devolver ao setor privado a sua capacidade de poupar, adverte Rabello de Castro

“
Há 14 anos, de 1994 a 2008, o país caminha para conquistar o grau de investimento e não alcança

Paulo Rabello de Castro
economista

ficou-se que, a partir de 2000, o Brasil tinha 50% de chances. Mas países como o México, por exemplo, com a mesma probabilidade, já conseguiram o grau de investimento — ressalta o economista do Banco Real.

— Ao analisar variáveis como renda per capita, crescimento do PIB, inflação, dívida bruta com a porcentagem das receitas tributárias e reservas com a proporção do PIB, percebemos que o país tinha melho-

rado bastante — observa Cristiano de Souza.

Ana Claudia Alem, assessora da presidência do BNDES, tem a mesma opinião.

— Tenho certeza de que vamos conseguir ainda este ano. O Brasil está se destacando cada vez mais no cenário internacional. O PIB melhorou, os indicadores de endividamento também — enumera a assessora. — O grau de investimento será excelente oportunidade para atrairmos capital internacional.